

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 30

Junho de 1965

OUTROS

Charles D. Meiggs

Senhor, ajuda-me a viver no mundo
Pensando sempre em como Te servir,
E em Te servindo eu servirei os OUTROS
E a pura lei do amor hei-de cumprir.

Ensina-me a fazer o meu trabalho
Com devotado e firme coração.
Que tudo eu faça pelo bem dos OUTROS,
E tenha a Tua santa aprovação.

Que seja o próprio eu crucificado,
Na minha vida não domine mais,
Para que eu possa dedicar-me aos OUTROS,
Num ministério santo e eficaz.

E quando houver findado esta carreira
E lá no Céu de novo começar,
Da minha própria coroa eu me esqueça
Para dos OUTROS ainda me ocupar!

Sempre de mim mesmo ande eu esquecido
Pensando mais nos outros, ó Senhor!
Seja esta a directriz da minha vida:
Viver servindo os OUTROS pelo amor!

Uma ocasião o General Booth desejou enviar uma saudação telegráfica a todas as sedes do Exército de Salvação do mundo inteiro. Para evitar maiores despesas, resumiu a sua mensagem na simples palavra «Outros». Neste facto foi inspirada a poesia que hoje publicamos.

Nota da Redacção

O Jugo desigual

por D. A. Delafield

O apóstolo Paulo nunca escreveu uma linha com mais profunda significação do que em suas palavras aos Coríntios: «Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis.» II Cor. 6:14. Paulo trabalhou incansavelmente para fundar a igreja em Corinto. Uma respeitável comunidade cristã surgira pelos seus labores. Grande número de pagãos aceitara a Cristo e deixara as fileiras do inimigo para unir-se a Cristo. Agora Paulo diz-lhes: «Mantende-vos em vossas próprias fileiras. Não deixeis a comunidade cristã para juntar-vos com os pagãos. Mantende-vos separados e não volteis para as coisas impuras do mundo. Sois agora filhos e filhas de Deus. Que companheirismo tendes com o mal e com a comunhão das trevas? Sai do meio deles e sereis o povo peculiar de Deus.

Entre outras coisas, Paulo, sem dúvida, tinha em mente casamentos mistos com os descrentes. Essa ordem do Novo Testamento é a repetição de um antigo aviso dos patriarcas e profetas. Escreveu Moisés a Israel, acerca dos cananeus: «Nem te aparentarás com eles; não darás as tuas filhas a seus filhos, e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam desviar teus filhos de Mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria . . . Porque povo santo és ao Senhor teu Deus.» Deuteronomio 7:3-6.

Desde a entrada do pecado no mundo o povo de Deus tem sido um povo separado. Caim, o primeiro assassino, tornou-se o progenitor de uma raça de homens maus. Sete tornou-se o pai de uma longa linhagem de patriarcas. Os descendentes de Sete foram os filhos de Deus; os descendentes de Caim, os filhos do maligno. Foi na questão de casamento entre as duas facções que Satanás ganhou a primeira batalha que levou os filhos de Sete à corrupção e trouxe tanto vício e iniquidade como o mundo jamais havia presenciado e que

resultou no dilúvio. «Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.» Gén. 6:2. «Matrimónios não santificados entre os filhos de Deus e as filhas dos homens, deram como resultado a apostasia que terminou com a destruição do mundo por um dilúvio.» — *Lições sobre o Dom do Espírito de Profecia*, pág. 188.

É verdade hoje, como foi nos dias de Noé, que a mistura de casamentos preparou o caminho para a apostasia e raramente resultou na conversão de um descrente para Cristo. O cristão que se casa fora de suas próprias fileiras, não importa quão grande seja o afecto que dedica ao outro cônjuge, põe em perigo a salvação da própria alma.

É-nos feita a seguinte advertência: «A menos que desejes ter um lar de onde nunca se levantem as sombras, não te unas com um homem que é inimigo de Deus.» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 438.

Mesmo assim alguns têm feito isto, não pesando as infelizes consequências deste engano. Têm-se arrependido amargamente da sua loucura, porém nada resta para fazer senão procurar o melhor da situação. Em tais circunstâncias isso é exactamente o que devem fazer, e não abandonar o companheiro descrente. (Ver I Cor. 7:12-16.)

Procurando ganhar o Inconverso

As nossas irmãs que são casadas com maridos descrentes podem mostrar o verdadeiro amor por seus companheiros orando secretamente e agindo em favor da sua conversão. Mas não terão êxito em levá-los à verdade participando com eles das práticas mundanas. (Ver I Ped. 3:1-4.) Sabemos de alguns casos em que mulheres cristãs têm sido um empecilho a que seus maridos tomassem a decisão de guardar o Sábado com o risco de perder um emprego estabilizado e substancial renda. Nós apresentamos a pergunta: Po-

COSTUME PERIGOSO

por Vasco Sepalanga

«Há caminho que parece direito ao homem, mas o seu fim são os caminhos da morte». Provérbios 16:25.

Vivemos num tempo em que a negligência de ler e aprender as Escrituras da Palavra de Deus aparece nos que esperam a vinda de Cristo. Encontram-se muitos que recebem revistas, livros, folhetos, «Atalaias» e até mesmo a «Boletim Adventista» e os colocam logo nas prateleiras, sem estudar o que ali está escrito. Esses não sentem uma falta da sua parte e deixam ensinamentos que os auxiliariam na sua vida espiritual. Como negligenciam ler, também estão a enfraquecer nas coisas importantes.

Hoje, «necessita-se de homens santificados e prontos ao sacrifício; homens que não se esquivam a provas e responsabilidades; homens que sejam bravos e verdadeiros; homens em cujo coração Cristo está formado 'a esperança da glória', e que com lábios tocados com santo fogo preguem a Palavra». — *Serviço Cristão*, pág. 144.

São esses que Cristo quer, e não os negligentes na Palavra e no trabalho.

«No grande dia do juízo, os que

derá esta atitude salvar uma alma para o reino de Deus?

As nossas orações são proferidas em favor dos nossos queridos crentes cujo marido ou esposa não participa da fé comum da Igreja Adventista. Os nossos ministros e membros leigos estão procurando ajudá-los a ganhar para Cristo seus companheiros. A igreja está ao vosso lado. Para Deus nada é impossível. Embora o engano haja sido cometido, a igreja não esquece o seu querido povo. Que os maridos, esposas e filhos que vivem em lares divididos tomem ânimo. Mas resolvam não ceder um centímetro de terreno ao inimigo. A batalha não está perdida e Deus pode dar gloriosa vitória.

Continua na pág. 16

não trabalham para Cristo, que andaram ao sabor dos ventos, só pensando em si, cuidando de si, serão postos pelo Juiz de toda a Terra com os que fizeram mal. Receberão a mesma condenação». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 480.

«Haverá tentações, ciumes e murmurações, e haverá franca rebelião, tais como se acham registados acerca do antigo Israel. Os princípios devem ser de maneira impressiva apresentados àqueles que necessitam de repreensão, mas nunca se deve passar por alto, indiferentemente, os erros do povo de Deus». *Test. Selectos*, Vol. I, pág. 332.

Outro costume perigoso: «Alguns, temendo sofrer prejuízo de tesouros terrestres, negligenciam a oração e o reunir-se para a adoração de Deus, para que tenham mais tempo para dedicar às suas lavouras ou seus negócios. Mostram, pelas suas obras, a que mundo eles dão maior apreço. Sacrificam privilégios que são essenciais para seu progresso espiritual, pelas coisas desta vida, e deixam de obter o conhecimento da vontade divina. Não aperfeiçoam um carácter cristão e não alcançam a medida de Deus. Põem em primeiro lugar seus interesses temporais, mundanos, e roubam a Deus o tempo que deveriam dedicar no Seu serviço. Essas pessoas Deus assinala, e receberão maldição, em vez de bênção». — *Serviço Cristão*, pág. 214.

Prezados irmãos, não deixemos de ler o *Boletim Adventista* e outra literatura útil, para que não passemos por alto as coisas proveitosas para as nossas vidas. Não negligenciem a leitura.

Eis, para concluir, estes erros perigosos: «1) Perder um momento de tempo; 2) Descuidar a oração; 3) Esquecer-se do estudo da Palavra de Deus; 4) Não fazer as coisas a seu tempo; 5) Criticar os dirigentes; 6) Não usar sãbiamente o dinheiro de Deus; 7) Retroceder em vez de avançar». — *Directrizes*, 4.º Trimestre de 1960, pág. 12.

Como apressar a Vinda de Jesus

por E. L. Jewell

A Escola Sabatina é um meio divinamente de signado para unir a Igreja e advertir o mundo das verda des do Evangelho. Cada membro de Igreja, cada um dos que desejam ver e apressar a vinda do Senhor, devia ser membro activo da Escola Sabatina. Ela proporciona não sòmente uma oportunidade para melhorar o conhecimento da Palavra de Deus, mas também é um meio excepcional de ganhar almas. Este é o seu objectivo principal.

A Escola Sabatina oferece vários métodos para alcançar este fim, mas um dos mais importantes é o apoio que ela dá ao programa missionário mundial através das ofertas. Cada membro deve alegrar-se no facto de que durante os últimos anos, aproximadamente 50% dos fundos empregados pela organização nesse programa, tiveram a sua origem nas ofertas da Escola Sabatina. Não podemos, no entanto, descansar nesse facto pois à medida que a obra se desenvolve, abrem-se novas oportunidades de penetrar novos lugares e alcançar mais almas que se encontram ainda em trevas. Mas cada avanço requer mais fundos. É esse o repto lançado aos nossos membros de Angola assim como aos de todo o mundo.

Durante os últimos anos, em quase toda a parte, os rendimentos da população têm aumentado. Assim como Deus derrama sobre nós essa benção, devíamos demonstrar nossa gratidão aumentando as ofertas. Pessoas há que, apesar de aumentadas as suas receitas, continuam a entregar ao Senhor o mesmo que anteriormente, tendo como resultado que a obra de Deus afrouxa por falta de recursos.

É sempre bom, antes de qualquer empreendimento, estabelecer um plano definido para o seu cumprimento. Assim, num assunto tão importante como é o cumprimento dos nossos deveres para com Deus, devemos seguir um

plano definido. Um bom plano preparado pela Conferência Geral e recomendado a todos os membros é o chamado PLANO DOS 3%.

Toma para princípio a hipótese de descontar dos nossos rendimentos um segundo dízimo que é reservado sòmente para as nossas ofertas. Desta reserva, uma importância equivalente a 3% das nossas receitas líquidas é destinada às ofertas da Escola Sabatina. Vamos ver como este plano funciona na prática. Para os nossos cálculos vamos utilizar a importância de 500\$00 mensais, como sendo o rendimento de um chefe de família:

RENDIMENTO:	Por mês	Por ano
	500\$00	6.000\$00
Menos dízimo	<u>50\$00</u>	<u>600\$00</u>
Saldo depois de descontar o 1.º Dízimo	450\$00	5.400\$00
2.º Dízimo destinado às diversas ofertas	<u>45\$00</u>	<u>540\$00</u>
Saldo líquido para as necessidades da família	405\$00	4.860\$00

MANEIRA DE EMPREGAR O 2.º DÍZIMO

Total do 2.º Dízimo	45\$00	540\$00
3% dos rendimentos (500\$00 mensais) destinado às ofertas da Escola Sabatina	15\$00	180\$00
Resto para todas as outras ofertas Congresso, Semana de Sacrifício, M. V., Rádio, Evangel. Mundial, etc.	30\$00	360\$00
Juntamos ainda uma sugestão quanto à maneira de distribuir esta oferta (os 15\$00 mensais da Escola Sabatina) entre os membros da Família:		
Oferta de cada mês (3% de 5\$00)		15\$00
Cada Sabado podem ser dadas as seguintes ofertas:		
Pai	1\$00	
Mãe	1\$00	
1.º filho	\$50	
2.º filho	<u>\$50</u>	
Total cada Sábado	3\$00	
Total cada mês		12\$00
Saldo para diversas ofertas da Escola Sabatina		3\$00

Continua na página seguinte

Perigos das bebidas alcoólicas



Como se adquire o vício de beber

Podem enumerar-se diversas razões pelas quais uma pessoa, quase sem dar por isso, se torna viciada nas bebidas alcoólicas.

Mencionemos em primeiro lugar a sociabilidade. É natural ao homem, e particularmente ao africano, o apreciar associar-se com outras pessoas. Para amenizar esses encontros tornou-se prática geral usar bebidas alcoólicas. Assim sucede na ocasião de um nascimento, da circuncisão, de um casamento, um óbito; na partida para um contrato ou no regresso; na altura de certos trabalhos agrícolas, sobretudo das colheitas; nas festas religiosas ou profanas; ou até como manifestações de hospitalidade quando se recebe uma simples visita. Nessas ocasiões, a pessoa não

Durante os três meses do trimestre este saldo importará em 9\$00. Naturalmente grande parte será dedicado à oferta do 13.º Sábado, mas também se pode destinar uma parte à oferta de gratidão.

Um bom plano em todas as Escolas Sabatinas é fixar um alvo para a oferta de cada semana e fazer um esforço para o alcançar. Um gráfico mostrando o progresso feito pode ser usado para estimular o interesse dos membros.

Lembremo-nos que «Deus ama ao que dá com alegria». E se fielmente pusermos em prática este plano, podemos contar com o Seu Amor, Presença e Bênção.

acostumada a beber facilmente cede à tentação, com receio de que a sua abstinência seja considerada como falta de camaradagem.

Relacionado com esta razão, há por vezes o receio de que os outros considerem o que não bebe como sendo uma pessoa fraca, sem virilidade.

Outro motivo é a publicidade, habilmente organizada, que se faz em favor das bebidas alcoólicas. Por toda a parte é feita propaganda dessas bebidas — em artísticos cartazes coloridos expostos nos lugares públicos ou nas casas comerciais; em anúncios nos cinemas, na rádio, nos jornais e revistas. Alguma dessa publicidade pretende até fazer crer que as bebidas alcoólicas não prejudicam a saúde, antes, pelo contrário, são úteis para estimular o apetite, para dar boa disposição e para fortalecer o organismo.

Em apoio desta propaganda, as bebidas alcoólicas são de fácil aquisição. Ao passo que alguns artigos e gêneros necessários são por vezes difíceis de encontrar no local onde se vive, não há povoação nenhuma em que as bebidas alcoólicas não se encontrem facilmente, tentadoramente, à venda.

E se nas aldeias ainda é fácil manter uma certa restrição, a tentação aumenta quando o africano vai para as povoações europeias, designadamente para as cidades.

Continua na pág. 11

A VOZ DA MOCIDADE

Um plano recente de evangelismo juvenil centralizado em Cristo dentro da Sociedade dos Missionários Voluntários é conhecido pelo nome de *Voz da Mocidade*. Trata-se de evangelismo público adventista do Sétimo Dia adaptado à capacidade dos jovens e operado por jovens sob a direcção de dirigentes de experiência.

As presentes condições mundiais, tão turbulentas, mostram que estamos vivendo na hora undécima da história da terra. Quase todas as profecias da Bíblia que apontam para o nosso tempo como sendo os últimos dias estão encontrando o seu cumprimento. Soou a hora para os Missionários Voluntários cingirem toda a armadura de Deus e saírem para finalizar a Sua mensagem especial para esta geração. Côncios da urgência da hora, os jovens adventistas uniram-se entusiásticamente no seu plano especializado de evangelismo — a Voz da Mocidade.

A parte que os jovens podem desempenhar na terminação da última mensagem de advertência é altamente importante. Ao piorarem as condições mundiais, irá sendo cada vez mais limitada a liberdade religiosa das testemunhas adultas de Cristo, e chegará mesmo o tempo em que apenas os jovens e crianças poderão fazer ouvir a advertência final.

Felizmente, os jovens adventistas e os seus dirigentes apreenderam rapidamente a situação, e inspirados pela sabedoria vinda do Alto organizaram o plano da Voz da Mocidade, em apoio dos presentes esforços missionários da Igreja e para completar o trabalho do evangelismo quando falham os outros meios. Os jovens adventistas não só têm reconhecido mas prontamente aceitado a parte que Deus deseja que desempenhem no testemunho final da Igreja remanescente a todo o mundo.

Compreendendo que hoje a sua primeira responsabilidade diz respeito aos

outros jovens que não desfrutam de uma relação pessoal com Deus, membros dos grupos da Voz da Mocidade organizaram-se e treinaram-se para um evangelismo juvenil público altamente eficiente. Buscam constantemente novas oportunidades para levar o conhecimento do amor de Cristo a jovens e adultos ainda não convertidos.

Anos de experiência no evangelismo juvenil têm mostrado que os jovens podem trabalhar em favor de outros jovens com muito maiores resultados do que os adultos. A este propósito escreve E. G. White:

«Pregadores e leigos de idade avançada não podem ter, sobre a juventude, metade da influência que os jovens consagrados têm sobre seus companheiros. Estes deveriam sentir a responsabilidade que sobre eles pesa para tudo fazer para salvar seus mortais semelhantes, mesmo com o sacrifício de seus prazeres e naturais desejos». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 202.

O adicionamento da Voz da Mocidade aos outros esforços de evangelização dos Missionários Voluntários tem constituído um repto tremendo para os jovens da Igreja Adventista. No evangelismo juvenil descobriram o Cristianismo vivo em acção, e os jovens amam a acção. Não têm receio de trabalhar cedo e tarde contanto que possam ver alguma alma ganha para Cristo como resultado dos seus esforços.

Vede Carlos Carter, da área de Los Angeles, Califórnia, que apresentou alguns factos assombrosos numa convenção da Voz da Mocidade realizada há pouco tempo. No espaço de cinco anos ele pôde trazer 125 pessoas para a igreja. Além de realizar reuniões públicas de evangelização com a assistência de outros jovens, Carlos e sua esposa deram nada menos que cinco estudos bíblicos por semana nas casas de pessoas interessadas. Mas esta é apenas uma entre muitas experiências

semelhantes mostrando a Voz da Mocidade em acção.

Um maravilhoso aspecto do evangelismo da Voz da Mocidade é que ele põe em exercício os talentos juvenis dos Missionários Voluntários em muitas espécies diferentes de serviço. Na organização e funcionamento de tal esforço são necessários dirigentes de Grupos de Oração, coros, quartetos, solistas, operadores de máquinas de projecção, anunciantes, directores de música, pianistas, coordenadores, oradores, agentes de publicidade, pessoas para dar as boas vindas e dirigir aos seus lugares as visitas, instrutores bíblicos e dirigentes de reuniões.

Os estudantes da Academia de San Diego tiveram a oportunidade de demonstrar estes vários talentos num esforço de jovens em favor de jovens por eles realizado. Como mais de cem alunos da Academia se empenharam neste esforço, algumas pessoas perguntaram como é que os alunos encontraram tempo para participar em tão grande cruzada de evangelização sem afectarem o resultado dos seus estudos. Uma resposta típica veio do director Max Williams, da Academia de San Diego:

«Cerca de 90 por cento dos alunos tomaram parte no esforço da Voz da Mocidade. O nível espiritual da escola esteve muito mais elevado este ano, e sinto que isso foi devido ao esforço da Voz da Mocidade realizado pelos nossos estudantes. Por vezes interferiu com o programa escolar, mas pessoalmente creio que valeu a pena».

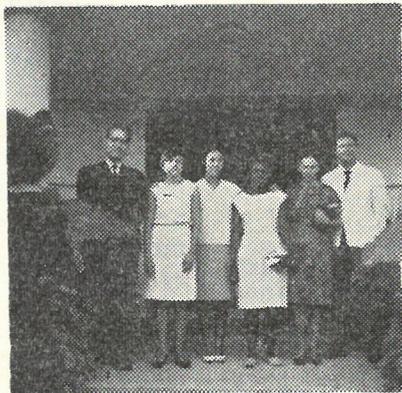
Antes de os membros de qualquer sociedade de M. V. iniciarem um esforço de evangelização da Voz da Mocidade devem fazer cuidadosos planos e estabelecer uma organização perfeita a fim de realizar o trabalho projectado. Num folheto in-

titulado *Guia da Voz da Mocidade*, o Departamento dos M. V. fornece por menores completos para a realização deste esforço. Um volume intitulado, *A Voz da Mocidade M. V. — Sermões*, editado em português pela Casa Publicadora Brasileira (à venda na Casa Publicadora Angolana, por 35\$00), contém trinta e um Sermões sobre as principais doutrinas da Bíblia, e foi preparado especialmente para os oradores da Voz da Mocidade.

Tais esforços de evangelização são em geral patrocinados por um obreiro de experiência. Ellen G. White declara que «obreiros jovens, inexperientes, devem ser treinados por trabalho prático em associação com esses experimentados servos de Deus.» *Profetas e Reis*, pág. 223.

Depois de ter escolhido o obreiro que patrocina o esforço, obtém-se do Conselho da Igreja a autorização para realizar tal esforço. Então o pastor procura levar toda a igreja a apoiar o esforço dos jovens, que geralmente se realiza num edifício devoluto, numa tenda, numa igreja ou numa escola, a distância razoável da sede da sociedade patrocinadora.

Em sociedades em que não seja praticável realizar plenamente uma cruzada da Voz da Mocidade tem por vezes sido possível que estes jovens ganhem experiência prática tomando certas «noites da juventude» num esforço missionário para adultos. Além da pregação do sermão nestas noites especiais, os jovens podem também ganhar valiosa experiência ajudando a dar as boas vindas às visitas e indicando-lhes os lugares, cantando, e na distribuição de convites e de literatura evangelística.



Grupo de três jovens baptizados a 17-4-65 em Benguela pelo Pastor Ernesto Ferreira.

A jovem de côr é a primeira Cuanhama a ser baptizada em Angola.

Terezinha Vassalange

Nathaniel Krum

TUDO PARA JESUS

por Teófilo Ferreira

Narrador. — Helena era orfã de pai. Extremosamente amada por sua mãe, não sabia o que eram dificuldades. Profundamente religiosa, sua mãe tentava tornar Jesus o centro de sua vida. Porém a semente do pecado tinha sido implantada por Satanás naquele jovem coração e os precoces cabelos brancos da mãe acusavam o desgosto de ver Helena trilhar o caminho fácil e atractivo do mundo.

Helena — (ataviada para uma festa) Mãe, que tal? Acha que estou bonita?

Mãe — (sorrindo tristemente) — Sim, Lena, mas...

Helena — Mas quê? Não me venha lá com as suas teorias! Sou jovem e não fui feita para estar em casa! Os jovens devem divertir-se, ir a festas, bailes, cinema! Que mal há nisso?

Mãe — Os prazeres desta vida são efêmeros, querida, e o vigor da juventude em breve estará no passado.

Helena — Lá está outra vez! Mas que vida! A igreja está antiquada e precisa de reforma. Ainda mais, sou maior e não tenho que dar satisfação a ninguém. (Olhando para o relógio) Está na hora de o João me vir buscar (escuta e corre para a porta) já chegou; (seco) até amanhã!

Mãe — Ó Deus! Transforma o coração de minha filha! Fá-la compreender que é no coração que se encontra a maior beleza! Mostra-lhe que não é no mundo que ela encontra a felicidade! Guarda-a de cair em tentação!

Entram João e Helena.

Helena — Já viram isto!

João — Que foi?

Helena — Estes Adventistas parecem que têm ideias fixas! Porque é que uma pessoa não há-de poder divertir-se à sua vontade?

João — Outra vez discussão em casa?

Helena — Oh! (encolhendo os ombros) eu é que não lhe ligo nenhuma. Mas não falemos mais nisso senão estragamos a noite.

Narrador — Embora arrebatada,

Helena tinha bom coração; mas a falta de compreensão daquilo que Deus espera de um jovem adventista, obsecava-lhe o entendimento. Falhava em descobrir que para ser alegre não é preciso entrar no rodopio do mundo. Para passar um bom tempo, não é preciso de entrar em lugares onde a presença de Deus é duvidosa.

Passam-se cinco anos. A mãe de Helena encontra-se gravemente doente. Velhice? Não! Coração amargurado? Talvez! Algum desapontamento paira agora no coração de Helena. Já conhece o mundo, mas ... estranho! Não se sente feliz, e como que uma depressão intensa sufoca o seu peito. Mas reconhecer o erro ... isso nunca!

(Quarto com a doente na cama; Helena encontra-se sentada à beira).

Mãe — Lena, como a vida passa depressa! Ainda ontem eu era jovem, cheia de ilusões e de esperança! Se não fora a minha entrega a Jesus, nada mais tinha a esperar senão a morte eterna. Mas a Sua paz enche-me o coração — como anelo o dia da Sua vinda! Mas ... estou só a falar de mim! E tu, querida! Ainda és tão nova ... Como vais enfrentar sòzinha este mundo? E quando o Senhor te chamar que te dará o prazer deste mundo?

(Helena medita enquanto a mãe fecha os olhos).

Helena — (sobressaltada) Mãe! Mãe! Morta! Ó Deus, tu a tomaste! Perdoa-me mãe por ter regeitado os teus conselhos! (chora) Ó Deus, perdoa-me, transforma-me, aceita-me! Não mais quero o mundo! Sou tua para sempre! A Ti dedico o meu ser!

(Ouve-se um hino ou só a letra recitada).

Toma, ó Deus, em Tua mão,
Como está meu coração.
Mesmo sem nenhum valor,
Faze-o puro, santo e bom,
Cheio, enfim, do Teu amor.

Continua na página seguinte

Através da Seara de Angola

Abandonando a Feitiçaria

Não devemos julgar que a obra do Evangelho depende apenas do ministro. Deus deu a cada membro uma obra a fazer em relação ao Seu Reino.

Na Bíblia encontramos a narração de como dois simples membros, Filipe e Natanael, assim o compreenderam. Filipe, depois de ter aceito Jesus, disse ao seu amigo: «Havemos achado Aquele de quem Moisés escreveu na Lei e os profetas: Jesus de Nazaré». A convite de Filipe, Natanael achou o Salvador e por sua vez associou-se à obra de ganhar almas para Cristo.

Em 1958, na altura das nossas reuniões anuais de Reavivamento Espiritual, ao examinarmos os candidatos para o baptismo, pusemos de lado um jovem chamado Francisco Domingos, que nos pareceu mal preparado. O Pastor Carlos Esteves, à data Director da Missão, e eu não desejávamos baptizá-lo, mas como ele próprio insistiu muito, então o baptizámos.

Um ano depois do seu baptismo, tornou-se um membro muito forte na nossa escola de Lola, e desde aquele ano começou a trabalhar com seu irmão, que era grande curandeiro e adivinhador. Custou muito, mas não o deixou. Dizendo-lhe, como Filipe, «Vem e vê», levou-o ao nosso congresso do ano passado. Levava uma pulseira de cobre no braço esquerdo, conforme o uso dos feiticeiros aqui. O Espírito de Deus trabalhou fortemente com os pregadores, de maneira que um dia, depois de começado o congresso, ele tirou tudo quanto trazia. No último dia, quando se fez o apelo, foi o primeiro a levantar-se e a entregar a sua vida a Jesus. O seu primitivo nome era Gombi e agora chama-se António. Presentemente anda nas classes preparatórias para o baptismo, depois de ter entregue ao chefe de área todas as suas quinquelharias de feiticeiro.

Queridos leitores deste *Boletim Adventista*, oraí pelo Campo Missionário de Quilén-

Toma, ó Deus, as minhas mãos,
Os meus pés, e os lábios meus;
Em favor dos meus irmãos
Lutem sempre com amor,
Com prazer, por onde fôr.
Quando, enfim, voltar Jesus
Com poder, em glória e luz,
Toma, ó Deus, meu pobre ser
Para sempre ir morar
Com Jesus no doce lar.

(à medida que ouve as palavras do hino, o semblante de Helena alegre-se)

Helena — Jesus, aceita o meu coração! Fá-lo teu! Para sempre!

gues, para que os seus membros tenham a compreensão da Mensagem e possam partilhar com os outros, de maneira que possam abreviar a vinda de nosso Salvador.

Zeferino José

Duas almas ganhas

Foi no dia 29 de Maio deste ano. Na bela tarde desse Sábado, depois de termos celebrado a Ceia do Senhor, estávamos todos ao redor de uma grande fogueira, na aldeia de Nandavala área do Posto Administrativo do Mungo.

Tivemos então o privilégio de ouvir contar como alguns chegaram a ser adventistas do Século Dia. Entre as experiências apresentadas notei duas, que vale a pena registar no nosso *Boletim Adventista*.

A primeira foi contada pela nossa irmã Rode Chicale, que é esposa de um século da escola protestante da aldeia de Chimbúlua. Essa irmã, em 1954, ouviu a mensagem adventista da boca do nosso Pastor Venâncio Chipopa. Em 1962, quando fui visitar os irmãos Bernardo Cativa (conhecido por Capaceteiro), Jeremias Cláudio, Israel Evaristo e suas famílias, nessa altura Rode Chicale pediu-me para ser baptizada. Apesar de ser esposa de um protestante, ela é uma boa «sabatista» (assim lhe chamam por ser guardadora do Sábado). A todos os leitores peço especial favor de não esquecerem a nossa irmã nas suas orações a Deus, para que ela vença as suas dificuldades e ganhe o resto da sua família.

Augusto Chivando é a segunda pessoa. Esse irmão era católico e depois passou para protestante. Um dia ouviu o seu mestre ler o quarto mandamento. Perguntou ao mestre se o Sábado do mandamento é o Domingo. O mestre afirmou que assim, porque é também o sétimo dia.

Em 1953, Augusto Chivando conseguiu comprar uma Bíblia Sagrada, e descobriu que o Domingo não é o Sábado.

Em 1954 foi baptizado pelo pastor acima citado.

O seu irmão, quando soube que ele tinha comprado uma Bíblia, disse que ficava mais contente se tivesse comprado um feitiço. E continuou: «Como compraste essa odiosa Bíblia não te quero aqui na nossa aldeia, nem quero ver a tua cara».

Hoje o nosso pobre Augusto Chivanda encontra-se abandonado, só com Deus e Jesus. Lembrai-vos dele.

Dinis Capifala Java

Como consegui a guarda do Sábado

No dia 23 de Outubro de 1964, dirigi-me à igreja adventista de Benguela. Quando ali cheguei, encontrei o meu patrão, motivo por que senti grande alegria. Fui ter com ele e

perguntei-lhe se queria ver a cerimônia do batismo. Ele disse-me que não estava preparado, mas eu respondi-lhe que não era preciso preparar-se, pois assim como estava bastava.

Perguntou-me se o Senhor Dr. Parsons estava em Benguela. Respondi-lhe que não sabia, mas ia informar-me. Entretanto apareceu o Sr. Pastor E. L. Jewell, que informou que Sr. Doutor não estava em Benguela. Perguntou-lhe em seguida porque desejava falar com o Sr. Doutor, e o meu patrão respondeu-lhe: «Tenho um filho que está muito doente e queria que, se o médico estivesse, o observasse, e tratasse». O Sr. Jewell, com toda a amabilidade disse-lhe que no dia seguinte passaria pela Missão do Bongo, a caminho de Nova Lisboa, e poderia levar o menino para o Hospital. O meu patrão ficou muito satisfeito com a boa vontade manifestada.

Quando acabaram de falar todas as palavras, com o coração erguido ao meu Criador, orei silenciosamente. Falei então ao Sr. Pastor Jewell: «Este senhor é que é o chefe da secção da tipografia onde eu trabalho». E diante do meu chefe, eu disse: «Agradeço neste momento tudo o que por mim tem feito. É muito meu amigo. A única coisa que desejava é que me desse o dia de Sábado, como dia de repouso que Deus abençoou e santificou».

Esta foi a sua resposta: «Temos muito trabalho; não posso libertá-lo no dia de Sábado».

Ao ouvir essas palavras, fiquei triste.

Disse o Pastor Jewell: «Se o senhor libertar este rapaz, não faz o bem a nós nem a ele, mas a Deus que é o seu Criador.»

Respondeu ele: «Vamos ver.»

Assim já fiquei com uma esperança de guardar o santo dia que os meus pais guardam desde que nasci.

Nasci na Missão Adventista da Namba, onde estudei. Ali centenas de pessoas são adventistas e assim o desvio de uma ovelha do curral para ir para os montes, onde só há leopardos, é um problema. Para onde o cristão for, deve ser como um pirilampo que alumia na escuridão. Uma das coisas mais maravilhosas da vida cristã é o excitante desafio que ela faz aos homens e mulheres. O cristão não é uma pessoa vulgar. Não se move no nível das pessoas vulgares, vivendo uma vida comum. Um cristão é aquele que, tendo respondido ao chamado, vive num plano elevado, possuindo nobres virtudes e mostrando um carácter forte e recto. Distingue-se de todos os seus companheiros pela sua maneira de ser em todas as coisas.

Durante três anos lutei comigo mesmo. Só em 25 de Outubro de 1964 encontrei o descanso na minha vida. Desde então tenho guardado o Sábado. Agradeço imenso ao Sr. Pastor E. L. Jewell.

Manuel Vinha Henrique

«Não tenho fé em Deus»

Na bela noite de sexta-feira de 25 de Abril do ano em curso, encontrava-me nas colinas do Rio Loge entre as regiões de Ambriz e Ambrizete, no norte de Angola.

O nosso acampamento estava numa espes-

sa e fechada mata. Desloquei-me da minha barraca para uma que servia de enfermaria. Logo que lá cheguei, foi grande o meu espanto ao ver que todos os soldados que ali se encontravam aplaudiam a minha entrada. A enfermaria estava quase cheia.

Entre os que ali se encontravam, um disse-me: «Final Jesus Cristo, sendo Filho de Deus, como você diz, porque viveu uma vida de sofrimento e finalmente se deixou matar?»

Antes de responder, pensei longamente e, olhando para ele notei que estava não pouco embriagado.

Aproveitei a ocasião para dar um estudo bíblico, não só ao bêbado, mas sobretudo aos restantes, acerca do grande e maravilhoso amor de Deus.

Contei-lhes como Deus criara o mundo em seis dias; como Satanás tem afastado de Deus durante todos os séculos, os homens, e como conseguiu mudar a Lei de Deus; como está conseguindo enganar os povos com vãs doutrinas humanas; como Deus manifestou o Seu grande amor ao Mundo; como escolheu a descendência de Abraão como Seu povo peculiar, para ensinar às outras nações as maravilhas do Seu poder e levá-las à obediência dos Seus estatutos; etc . . .

Durante a conversa, entrou o Sr. Alferes que comandava o nosso destacamento e pediu-me para continuar com a conversa.

Quando acabei, ele disse-me: «Olha meu caro, não tenho fé em Deus nem creio que Ele exista.»

Fiquei confundido! As suas palavras lançaram também a confusão na mente dos outros. Procurei saber se assim falava por ignorância, mas notei que ele estava convencido do que dizia. Afirmou que tinha estudado muito, que tinha cursado a Universidade, e que se convencera de que não existe Deus nem precisava d'Ele.

Quando ele falava, respondia-lhe segundo as Escrituras. Expliquei-lhe o homicídio de David, como fora repreendido por Deus por intermédio de Natã e como fora traspassado o seu pecado e Deus lhe dera um filho que veio a ser um grande sábio. «Quem sabe», disse eu, «se Deus chamou o nosso Alferes para o serviço do Advento, para testificar do Deus que agora desconhece! . . .»

Ficou pensativo. Momentos depois, disse: «não creio que ele exista, porque se existisse já me teria mostrado a verdade.»

«Oh!» disse eu com um sorriso, «hoje o Senhor lhe mostra, por intermédio de um simples soldado, o verdadeiro caminho da salvação.» Apresentei-lhe então algumas verdades da Mensagem Adventista.

Depois daquela entrevista, quando por vezes, vou ao Ambriz para reabastecimento, ele senta-se ao meu lado no «Jeep» que me está distribuído e pergunta-me muitas coisas religiosas, que lhe explico da melhor maneira que sei e ele escuta-me com toda a atenção.

Cada dia a minha oração é: «Senhor, faz com que esta alma Te conheça e venha a ser um grande Paulo, se essa for a Tua vontade.»

Gideão Baptista Sôzinho de Barros

Sobre a minha vida de estudante

Prezados leitores, sinto-me feliz ao contar-vos a minha vida de estudante.

Nasci na Missão da Luz. Quando tinha cinco anos não gostava de assistir às reuniões da Escola Sabatina. Muitos Sábados, eu e os meus amigos, quando chegava a hora de ir para a Escola Sabatina, fugíamos e íamos brincar. A esposa do Sr. Pastor Jewell vinha à procura de nós e repreendia-nos. E assim, quando chegava a hora de começar a Escola Sabatina e o culto, lembrávamo-nos das palavras da senhora e íamos assistir. E quando acabávamos o culto, a senhora levava-nos a casa e dava-nos rebuçados, pães, doces, laranjas e outras coisas mais. E nós ficávamos muito contentes.

Desde então nunca mais esquecerei a esposa do Sr. Pastor Jewell.

O Senhor Jesus quando esteve nesta terra deixou algo para executarmos. Que deixou Ele? No Evangelho segundo S. Mateus 28:19, 20, vemos que Ele mandou levar a mensagem a todo o Mundo, baptizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e prometeu que estaria connosco até à consumação dos séculos.

Ao terminar a minha história, agradeço à minha professora D. Alina Candeias, à senhora esposa do Pastor Jewell e finalmente aos professores do Instituto.

O meu desejo é que Deus me ajude a trabalhar um dia na Sua causa.

À frente há dois caminhos, como lemos em Deuterónimo 30:19. Escolho um só, para ter a vida eterna quando Jesus vier.

«Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida,» disse nosso Pai que está no Céu. Amén.

Absalão Noé de Matos

Como se adquire o vício de beber

Continuação da pág. 5

Ali, sente-se bem nas casas de bebidas, onde a música da telefonia, a luz eléctrica á noite, a companhia alegre de outros amigos do álcool, são tão diferentes da casa onde vive, sem luz e sem conforto, de sua esposa e filhos, mal vestidos o chorosos.

Além dos motivos atrás apontados ele deseja adquirir hábitos evoluídos, fumando as mesmas qualidades de cigarros, ingerindo as mesmas espécies de bebidas e desfrutando os mesmos

prazeres ilícitos que tão relacionados se encontram com os aspectos mais baixos da chamada vida civilizada.

O pior é que essa espécie de vida é em geral acompanhada de conflitos familiares, de dificuldades financeiras, de humilhações na sociedade e no trabalho, e de outros dissabores. Para esquecer o sofrimento, recorre-se às bebidas alcoólicas, na esperança de assim adormecer a memória e a consciência.

Há depois o desejo de se divertir. O estado de embriaguês é considerado como um passatempo ou um jogo. Muitos gostam de sentir os desregramentos da sua personalidade e comprazem-se em ser os espectadores dos seus próprios actos ridículos. A embriaguês é então sinónimo de alegria.

Seja qual for a causa por que se começou a beber, desde que foi dado o primeiro passo já não há a certeza de que se não vá mais além, e isso por dois motivos: primeiro, porque o álcool, como já vimos, é um viciador; e depois porque a falta de inibição, ou seja a falta do poder de se dominar é uma das características psicológicas clássicas da maioria dos habitantes de África.

O ser humano é feito de hábitos. Quando uma pessoa começa a beber, fá-lo moderadamente. Ainda pede exercitar o seu poder de vontade e deixar de beber.

Em breve, porém, acha que um ou dois copos não bastam. Sente a necessidade de beber mais para aliviar as suas tensões. O próprio organismo se ressentido se deixa de beber. Já está viciado.

Finalmente, atinge o estado em que o excesso de álcool, tomado por longo tempo, lhe arruinou células do cérebro e do fígado. Estes factos, além de uma alimentação deficiente, abalaram profundamente a sua saúde mental e física. Tornou-se um alcoólico crónico.

Pelas suas próprias forças não poderá mais reabilitar-se.

Estará então perdido? Não haverá para ele nenhuma esperança de cura?

É o que vamos ver no artigo seguinte.

E. F.

Histórias Africanas



O FOGO DE MUSA

Os crentes da aldeia de Ludzu estavam ansiosos por contruir uma igreja. Seria um edifício que serviria como escola nos dias lectivos e como lugar de culto nos Sábados. Eles próprios preparariam o capim e os barrotes, mas havia algum material que tinha de ser transportado pela estrada. Essa estrada passava muito perto da sua aldeia. A única dificuldade era que para chegarem ao local onde tencionavam construir era necessário atravessar a propriedade de um rico lavrador africano. O que tornava as coisas mais difíceis era o facto de que aquele homem era um grande inimigo dos adventistas e faria tudo o que pudesse para impedir o seu trabalho. Por isso, foi com pouca esperança de êxito que o visitaram e lhe pediram autorização para abrir um caminho através da sua propriedade, que fizesse ligação entre a futura igreja e a estrada.

Em soturno silêncio ele ouviu o seu respeitoso pedido. Quando acabaram de falar, irrompeu numa torrente de palavras injuriosas, dizendo-lhes que jamais consentiria que abrissem um caminho através da sua propriedade e ordenando-lhes ásperamente que se retirassem. Silenciosamente assim fizeram, e o caminho teve de ser feito muito mais longo fora dos limites do seu terreno.

Os crentes, depois, precisaram pelo menos de mil molhos de capim para fazer a cobertura da igreja. Como havia por toda a parte casas e hortas, era sempre um problema pode encontrar ou comprar capim. As despesas com um tecto de zinco ou de lusalite para a igreja eram superiores às suas possibi-

lidades. E assim olharam uma vez mais para os terrenos do seu inimigo e viram de capim, suficiente para as suas necessidades.

Pondo de parte o orgulho, os anciãos dirigiram-se de novo a casa de Musa. Mais hostil do que da outra vez, ele apareceu à porta e, abertamente recusou vender-lhes sequer um molho, e de novo lhes ordenou que se retirassem imediatamente.

A conclusão da igreja foi retardada por algumas semanas, enquanto era trazido capim de pontos distantes. Finalmente o edifício concluiu-se, tendo ficado uma linda igreja.

Poucas semanas depois da inauguração da igreja, o velho Musa decidiu um dia queimar um pouco de capim atrás da sua casa. Infelizmente para Musa, quando estava ocupado nisso, levantou-se um vento de repente e dentro de poucos minutos o fogo já não pôde ser dominado. Propagou-se através do seu terreno até ao dos adventistas, consumindo árvores e capim. Em vão Musa correu com sacos molhados, procurando extingui-lo. Viu então os crentes acorreram, procurando deter a queimada do seu avanço em direcção à igreja. Apesar do grave erro que Musa tinha cometido em deitar o fogo que não pôde dominar, os adventistas saudaram-no sem palavras amargas ao unirem-se e a ele para combater o incêndio.

Mas infelizmente todos os seus esforços foram em vão. As faúlhas foram levadas até ao tecto da nova igreja, e dentro de poucos momentos todo edifício estava em chamas desde uma ex-

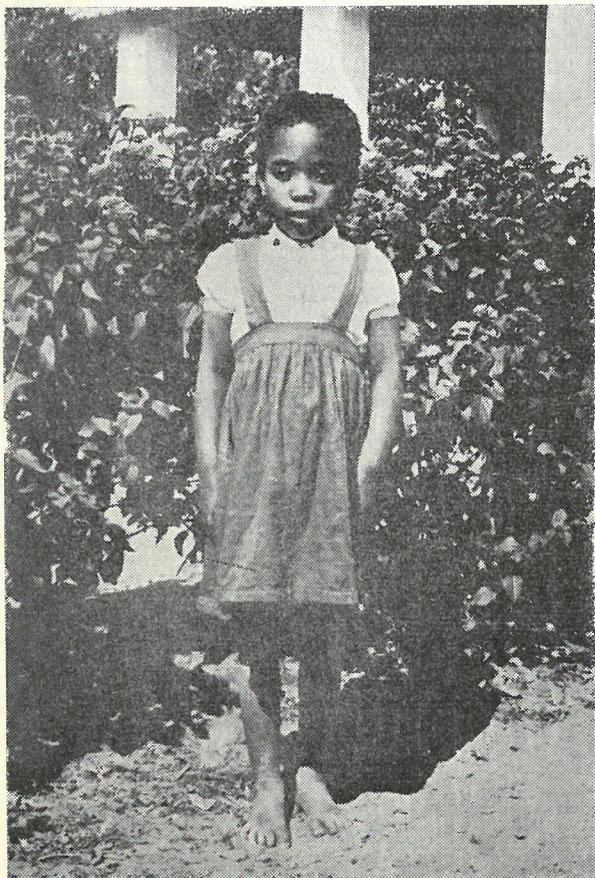
Continua na pág. 14

A História de Mangunda

por Mercedes Esteves

Quando dos tristes acontecimentos do terrorismo em Angola, certo dia, andando um pelotão das Forças Armadas em busca de terroristas nas matas da região do Bengo, de repente foi atacado. Imediatamente a tropa entrou em acção, tendo a maior parte dos atacantes debandado e ficado alguns mortos e outros feridos.

No meio daquele cenário estava uma criancinha, que não devia ter mais de três anos de idade. Então um dos soldados, compadecido, aproximou-se da pequenita de cor. Ela começou por fugir e gritar assustada, mas acabou por aceitar os seus afagos e as bolachas que ele levava para seu rancho.



Mangunda

O soldado, condoído da pobre menina, trouxe-a para a povoação mais próxima, que era o Cuale, e que ainda distava uns 40 quilómetros. E assim andou com a pequenita às costas toda essa longa caminhada.

A menina dedicou-se ao soldado, como se ele já fosse da sua família, e o mesmo se passou com o soldado em relação a ela. Ele é que cuidava dela e comprou-lhe algumas peças de vestuário e pensou, se Deus lhe permitisse escapar daquelas batalhas, levá-la para a sua terra, a fim de que seus pais a criassem e educassem. E assim esteve com ele aproximadamente dois meses.

Mais tarde teve de desistir de cuidar dela, pois a sua vida não lho permitia, em virtude de andar em constantes jornadas e combates. E assim, ao ter conhecimento da nossa Missão, resolveu trazer-nos a menina e, depois de nos ter contado a sua odisseia, pediu-nos que cuidássemos dela.

E foi assim que a nossa pequenina «terrorista» veio para a Missão do Cuale.

Na Missão, Mangunda (assim se chamava) sentiu-se sempre muito feliz, pois ficou em nossa casa, podendo sempre brincar, não só com os nossas filhos, que são seus grandes amigos, mas também com outras crianças da sua cor.

Certo dia, apareceu uma velhinha dizendo-nos que era sua avó e então contou-nos o motivo por que a criança se encontrava no local onde foi achada pelo soldado. Quando Mangunda nasceu, sua mãe morreu ao dá-la à luz e o pai abandonou-a. A avó pediu-nos então que não a deixássemos ir para a família do pai ainda que a tentassem levar.

Assim Mangunda tem estado

há quatro anos conosco, e, durante a nossa ida a férias, também com a Família Cordas Tavares.

Aos Sábados, ela gosta de ir à Escola Sabatina com o seu melhor vestido, e cantar os lindos hinos infantis dedicados ao Senhor.

Temos-lhe perguntado algumas vezes se queria ir para a família e ela chora logo dizendo que não. Diz que não quer sair da Missão, porque aqui a tratam bem e lá só comia folhas cozidas sem óleo.

Sua avó visitava-a frequentes vezes e trazia-lhe pequenos presentes: alguma massaroca, um pouco de fuba ou amendoim. Outras vezes, reconhecida, conseguia arranjar alguns ovos, batata doce ou até uma galinha para nos oferecer. Ela sente-se feliz por lhe educarmos a neta, sua única descendente.

Certo dia, logo no princípio, conversando com a velhinha, perguntei-lhe se ela não gostaria de ficar sempre com a sua neta no Céu. Ela, muito contente e prontamente, respondeu-me que sim. Indiquei-lhe qual o caminho e o que devia fazer para encontrar o Salvador.

Desde essa altura não mais faltou ao Sábado aos cultos da Missão. Tinha de percorrer alguns quilómetros, mas fazia-o de muito boa vontade, e no fim dos cultos vinha muito sorridente cumprimentar-nos.

Hoje é baptizada e reside na aldeia da Missão.

Esperamos em Deus que Mangunda (que em jinga quer dizer Esperança), junto com a sua avózinha, venha a ter um lugar no Reino Celeste.

O FOGO DE MUSA

Continuação da pág. 12

tremidade à outra. Os crentes não podiam fazer mais do que ver com corações pesarosos a sua destruição.

De repente, deram pela falta de Musa. Porque teria ele desaparecido? Um rapaz disse que o tinha visto ir rapidamente para sua casa.

«Penso que devemos segui-lo. Ele provavelmente sente-se abalado por causa do fogo, e devemos dizer-lhe que

não perca o ânimo», observou um dos diáconos.

Musa tinha de facto ido para sua casa. Que iria agora suceder? Os adventistas iriam sem dúvida apresentar às autoridades uma queixa contra ele, e ele podia ser forçado a pagar o custo da igreja incendiada. Ele sabia que a lei proibía fazer queimadas que não pudessem ser dominadas. Podiam aplicar-lhe a multa de quatro contos e fazê-lo ir para a prisão durante três meses. Isso arruiná-lo-ia. Como os adventistas se regozijariam por causa dele! Decidiu que mais valia por fim à vida do que ter de enfrentar aquelas pessoas que agora tinham todo o direito de o odiar e desprezar.

Quando os crentes chegaram acharam-no na cozinha. Tinha atado uma corda em volta do pescoço e estava de pé em cima de uma cadeira, prendendo a corda a um dos barrotes, preparando-se para se enforcar. Correram para ele e tiraram-lhe a corda do pescoço.

«Irmão, não debes fazer tal coisa. Sabemos que não lançaste de propósito fogo à nossa igreja. Pensa na tua mulher e nos teus filhos!»

«Mas não ides levar este caso às autoridades!»

«Não, nós queremos perdoar-te, por que sabemos que isso não foi feito intencionalmente.»

O homem ficou subjugado pela sua bondade. Tinham-no chamado irmão! Estavam prontos a perdoar tudo! Com lágrimas nos olhos, olhou para eles e perguntou: «Que quereis que eu faça?»

«Gostaríamos que nos ajudasses a obter mais capim e material para reconstruir a nossa igreja.»

Ele estava mais do que pronto a fazer isso. Pôs à disposição os seus terrenos para se cortar capim e abrir uma estrada. Começou a reunir-se com eles aos Sábados, e ajudou-os a reconstruir a sua igreja. Entrou na Classe de Ouvintes e preparou-se para o baptismo. Algum tempo depois uniu-se à igreja, e foi escolhido como diácono, e Musa, outrora grande inimigo dos adventistas naquela área, tornou-se uma das suas mais fortes e fiéis colunas.

Virgil Robinson

Notícias do Campo

Transferência

No dia 15 de Dezembro de 1964, chegou no seu carro a Caqueleua o Sr. Director José Eduardo Rodrigues.

Ali o Sr. Director pronunciou algumas palavras de agradecimento pela obra feita em Nova Lisboa entre os nativos, dizendo que agora o signatário era transferido para Benguela, afim de ali realizar o mesmo serviço que fizera no Huambo. Terminadas essas palavras, o Sr. Director fez uma oração. Com lágrimas nos olhos, entramos no carro e assim nos afastamos a pouco e pouco e deixamos a nossa Caqueleua. Chegamos à estação, como o combóio vinha à tabela, pouco demorámos. Despedimo-nos dos irmãos que nos acompanharam e seguimos a nossa viagem.

Quando chegamos a Benguela, encontramos os irmãos e as irmãs à nossa espera. Ao sair do combóio abraçamos a todos e ficamos muito contentes com a nossa chegada e agradeceram muito a Deus por ter satisfeito o seu desejo.

Nos primeiros dias, tive de ser acompanhado pelo professor Daniel Adolfo Gonçalves, que me mostrou a cidade e sanzala onde devia trabalhar, e finalmente levou-me ao Lobito.

Cada vez que saíamos do comboio, tomávamos o táxi, até que por fim falei com o professor: «O filho, agora vais-me deixar trabalhar sozinho. De táxi não vou conhecer as ruas e sanzalas do Lobito. O melhor é agora andarmos a pé.»

Assim com o andar a pé fiquei a conhecer os caminhos e hoje não tenho dificuldade em andar sozinho.

Cavaco é o rio que rega as hortas e pomares, onde cresce toda a qualidade de hortaliça, tomates, batata vulgar e batata doce, mandioca, milho e bananas.

Mas hoje o Cavaco não está a fornecer só estas coisas. Está também a fornecer almas para Cristo. Os habitantes das margens do Cavaco, e até o próprio regedor, estão muito interessados na mensagem e um grupo deles já pediram aos seus patrões para lhes darem o Sábado livre. Os patrões deram-lhes o Sábado, com a condição de fazerem mais trabalho nos outros dias.

O Cavaco está a pedir um obreiro para trabalhar em todas as sanzalas vizinhas. Esperamos que possa ir um obreiro, para que quando Cristo vier, o Cavaco forneça muitas almas para o Reino Celestial. Lucas 10:2.

Venâncio Chipopa

Bongo — Semana de Oração dos M.V.

Teve lugar de 22 a 29 de Maio a Semana de Oração para os jovens, na igreja do Bongo.

Uma Semana de Oração é sempre algo de

importante na vida da Igreja e principalmente quando é para os jovens. Desejando que ela fosse do maior proveito para todos quantos assistissem, fizemos os preparativos nesse sentido.

Depois de trocarmos impressões com o pastor e os Mestres, quisemos a ajuda dos séculos das aldeias próximas para o que marcámos uma reunião, na qual lhes pedimos os nomes dos jovens e até adultos transviados, respeitantes às suas aldeias, para chamar esses jovens, organizámos alguns grupos com alunos do Curso de Catequistas, a quem demos o nome «Equipas de Amizade», que todas as tardes saíam contentes e alegres encorajando e convidando para as reuniões aqueles que lhes tinham sido designados.

Para maior elo de união entre todos — jovens e adultos — marcámos um encontro espiritual. Assim, todos às 12 horas, onde quer que nos encontrássemos, os nossos pensamentos se uniam numa fervorosa oração para que o Senhor abençoasse esta Semana de Oração, e só assim conseguimos manter todos os dias, pelas 7 e 19 horas, uma boa hora de íntima comunhão com o Senhor. Para melhor vincular a responsabilidade espiritual que pesava nos nossos ombros distribuámos um marca-páginas no qual estava impresso um compromisso que era bem a viva voz daquilo que nós sentíamos. E assim, pela graça de Deus, tivemos a alegria de ver diariamente a sala cheia de almas sedentas e olhos atentos.

Durante toda a semana, o tema das reuniões foi, segundo o dístico afixado sobre o púlpito: «HONRAR A CRISTO».

Noite após noite, o coro orientado pelo Mestre Adão Mota deliciava-nos com hinos sempre adequados ao culto.

Chegámos ao último dia da Semana de Oração — o Sábado do Senhor. A Igreja estava repleta e vimos que o Senhor tinha sido conosco e todos nos sentíamos gratos pelas muitas bênçãos recebidas. Sabíamos que tinha já havido grandes decisões e quando fizemos o apelo foi com grande alegria que vimos um grupo de 51 jovens e alguns adultos levantar-se e encaminhar-se para a frente, enquanto o coro cantava harmoniosamente. Pedimos então aos membros que se quisessem reconseguir ao Senhor que se levantassem, o que todos fizeram à uma e unimo-nos todos à oração de consagração feita pelo Ir. José Eduardo Rodrigues.

Foi neste belo espírito que terminou a Semana de Oração para os jovens.

Que o Senhor possa continuar a trabalhar com aqueles que fizeram as suas decisões a, a fim de poderem honrar a Cristo nas suas vidas para que todos um dia nos possamos encontrar no Reino dos Céus, são os nossos ardentes votos.

António Maurício

Catumbela

Foi no dia 16 de Janeiro de 1965 que entrei pela primeira vez na grande sanzala de Catumbela. Os seus habitantes, que vivem em casas muito apertadas, trabalham em grande maioria na Cassequel e outros trabalham no Lobito.

Antes de realizar a primeira reunião, apresentei-me ao Sr. Regedor, que me recebeu muito bem. Depois começou a perguntar-me acerca da nossa fé. Respondi que éramos adventistas.

—São vocês os que não comem carne de porco?

—Sim, respondi, somos nós.

—São vocês que não trabalham ao Sábado?

—Sim, somos nós.

O Sr. Regedor disse-nos então que conhecia as escolas adventistas do Seles.

Pedi-lhe para assistir à nossa primeira reunião. De boa vontade anuiu e convidou dois amigos e suas duas mulheres.

Ao ar livre, com o sol muito quente e com muito suor, fiz a primeira reunião, estando presentes quinze pessoas.

No dia seguinte, o próprio Regedor levou a palavra ao Sr. Administrador de Catumbela, falando-lhe a nosso respeito. O Sr. Administrador disse-lhe que me queria ver.

Levei a notícia ao nosso missionário José Pedro F. Sincer e, assim, fomos ambos à Administração do Posto.

Quando chegámos, foi-nos dito que o Sr. Administrador tinha ido a Benguela. Depois de esperarmos algum tempo, tivemos de voltar para Benguela.

No dia seguinte, quando cheguei, o Sr. Administrador chamou-me e perguntou:

—É você o professor adventista?

—Não senhor, eu não sou professor.

—Então qual é seu trabalho?

—Eu sou pastor da Igreja Adventista.

Como Catumbela pertence ao Concelho do Lobito, disse-me que era necessário autorização do Sr. Administrador do Lobito.

No dia seguinte, fui com o nosso missionário ao Lobito. O Sr. Administrador recebeu-nos simpaticamente, estendeu a sua mão para nos cumprimentar e mandou-nos sentar. Contámos tudo o que se tinha passado. Ele então assinou o nosso documento, autorizando-nos a fazer o trabalho em Catumbela.

Com este documento apresentámo-nos de novo em Catumbela e o Sr. Administrador deu-nos então liberdade para fazermos o nosso trabalho.

Irmãos, eu tremo muito no meu coração, ao ver tantos homens e mulheres, com as casas e as roupas limpas, mas com sujidade nos seus corações e nos seus maus hábitos, cada um deles com necessidade de Jesus.

Desde que começámos as nossas reuniões em Catumbela, temos 78 homens e mulheres registados no meu livro de chamada.

Irmãos, não devemos esperar. Este é o nosso tempo de fazer a vontade d'Aquele que nos enviou, porque está branca a seara da terra.

Venâncio Chipopa

O Jugo desigual

Continuação da pág. 3

Neste sector da experiência humana, a prevenção é melhor do que a cura. Estamos alarmados com a brecha que se abriu entre os jovens adventistas, por se casarem com os que não são da nossa fé. Um dos dirigentes dos M. V. da Conferência Geral escreveu o seguinte:

«Uma brecha aparentemente crescente, que causa sérios embaraços, é a dos casamentos mistos. A instrução bíblica é: 'Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis'. II Cor. 6:14. Repazes e meninas necessitam exercer discricção na assunto de companheirismo e casamento. É em verdade triste a história quando este conselho é desconsiderado. Dezenas e centenas de obreiros potenciais para Deus são perdidos cada ano. De acordo com observação recente, quarenta e seis por cento dos jovens adventistas casaram-se com não adventistas, destes, trinta e sete por cento eram rapazes e cinquenta e três por cento, meninas. Para este cálculo foram tomados em consideração 4.161 casos e isto apresenta uma situação alarmante». — L. A. Skinner, em *Review and Herald*, 8 de Novembro de 1951.

Nossos jovens adventistas são cren-tes baptizados em Cristo. Pertencem ao número dos filhos e filhas de Deus. Devem ser fiéis a Ele, que os chamou. Não podem prender-se a jugo desigual com os descrentes, sem se arriscarem a um fracasso espiritual.

Insistimos em que o nosso povo ensine estes princípios no lar, aos filhos enquanto crescem. Que em nossas escolas e púlpitos e em nossa literatura seja dada especial importância quanto a este assunto. Não devemos permitir que seja visto o mundo intrometer-se na igreja e levá-la após ele. A ocupação da igreja é converter o mundo. Não podemos converter o mundo casando-nos no mundo. Dolorosas experiências nos têm ensinado isto.

Visado pela Censura

Boletim Adventista